

JIA 2011

IV JORNADAS DE JOVENS
EM INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

11a13Maio
CAMPUS DE GAMBELAS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Volume I

actas das IV Jornadas
de Jovens em Investigação Arqueológica

Promontoria Monográfica 16

**Actas das IV Jornadas de Jovens em
Investigação Arqueológica - JIA 2011
Vol. I**

(Faro, 11 a 14 de Maio de 2011)

Editores Científicos:
João Cascalheira
Célia Gonçalves

Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia
Departamento de Artes e Humanidades
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
(Universidade do Algarve)



Universidade do Algarve
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Departamento de Artes e Humanidades
Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia

Promontoria Monográfica 16

&

Editor:

Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia e
Departamento de Artes e Humanidades
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas
8005-139 Faro
promontoria@ualg.pt

Coordenação Editorial:

Nuno Ferreira Bicho
António Faustino Carvalho

IMPRESSÃO:

Tipografia Tavirense, Lda.

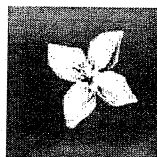
TIRAGEM:

280 exemplares

ISBN: 978-989-97666-2-4

Depósito Legal: 342265/12

APOIOS:



BPI



MULTICOPIAS
CENTRO DE COPIAS



Silves
câmara municipal

Índice

1. Tecnologias digitais e metodologias computacionais no processo de investigação arqueológica 13

Documentation of Viticulture and Winemaking in the Egyptian Tombs
Sofia FONSECA & Mahmoud IBRAHIM
17

&

Flake + Blade + Bladelet =? Statistical methods applied to the study of chert technological variability during the Gravettian occupation of Vale Boi (Algarve, Portugal)
João MARREIROS
23

Projecto N-utopia – Projecto Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias
Tiago FRAGA & António TEIXEIRA
33

Computer-aided classification of archaeological objects – methodological issues in comparing shapes of Solutrean points
Isabell SCHMIDT & Vincent MOM
39

Sobre la utilidad y los límites de las reconstrucciones virtuales: el ejemplo de la Casa 1 (Cosa, Italia)
Manuel MORENO ALCAIDE
47

Sistema de Informação Geográfica para a pré-história do Algarve
Leandro INFANTINI
53

No limits in the limited space? Some opportunities and limits of Artefact Density Estimation in Cueva Amalda, Zestoa
Marcel BRADTMÖLLER
59

Ensayo metodológico de las aplicaciones de visibilidad que los SIG aportan al estudio del arte paleolítico
Paula ORTEGA MARTÍNEZ
67

Spatial density analysis and site formation processes at the Mesolithic shellmidden of Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal)
João CASCALHEIRA & Célia GONÇALVES
75

Análisis espacio-temporales en arqueología. Estudio de la evolución hacia la edad del hierro en el noroeste del mediterráneo: Un enfoque metodológico
Giacomo CAPUZZO
83

Estudos de análise espacial com base na Carta Arqueológica Municipal do Sabugal
Marcos OSÓRIO & Telmo SALGADO
89

2. The methodologies applied in Bioarchaeology 97

Intra-observer error of the scoring of degenerative features from the auricular surface of the ilium: implications for the estimation of age-at-death
Vanessa CAMPANACHO
101

The value of dental morphology in the archaeological context: example of a Portuguese population from the late 19th and early 20th centuries
Luís Miguel MARADO
109

3. Arte Rupestre no Holocénico: abordagens, técnicas, simbolismo e territórios
123

Grañas postpaleolíticas en el yacimiento de Siega Verde (Salamanca)
Carlos VÁZQUEZ MARCOS
127

Arte Rupestre e os comportamentos ditos simbólicos do IV/IIIº e inícios do IIº milénio AC – algumas reflexões
Joana Castro TEIXEIRA
133

Mujeres en el arte rupestre levantino. Madres y diosas
Maria LILLO BERNABEU
139

Antropização de um território: Arte Esquemática e povoamento no Arrife da Serra de Aire e Candeeiros – dados preliminares
Andrea MARTINS
147

La representación femenina en el arte rupestre levantino
Vanessa NAVARRETE BELDA & Jordi REVELLES LÓPEZ
155

Um olhar sobre os últimos trabalhos desenvolvidos, no âmbito da investigação da arte rupestre da Citânia de Briteiros em Guimarães
Daniela Faria CARDOSO
163

A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinagético da Idade do Ferro
Dário NEVES, Rodrigo DIAS, Sílvia COELHO, Pedro XAVIER, Renata MORAIS, Luís CARVALHO & Sofia S. FIGUEIREDO
169

Os Carros na Arte Rupestre Europeia
Jonathan Sousa Da SILVA
177

A rocha do Pitogaio (Ferradosa, Alfândega da Fé): imagens rupestres Modernas e Contemporâneas e as suas possibilidades de estudo
Sílvia COELHO, Pedro XAVIER, Dário NEVES, Rodrigo DIAS, Luís CARVALHO, Renata MORAIS & Sofia S. FIGUEIREDO
183

Território, comunidades tradicionais e arte rupestre da região do Ebo (Angola)
Cristina Pombares MARTINS
191

O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo – novas abordagens na construção de um corpus das gravuras rupestres
Sara GARCÊS
197

Aproximação a um modelo estatístico aplicado à arte esquemática do Nordeste transmontano
Sofia S. FIGUEIREDO, Dário NEVES, Rodrigo DIAS, Sílvia COELHO, Pedro XAVIER & Luís CARVALHO
203

4. ¿Arqueologías o Arqueología Postmedieval?
209

Arqueología urbana de época moderna: la Plaza del Instituto (Gijón, Asturias)
Nicolás ALONSO, Otilia REQUEJO & Cristina HEREDIA
211

Las producciones cerámicas vascas de época moderna: un caso práctico de arqueología histórica
Cristina P. BARRACHINA & Sergio ESCRIBANO RUIZ
219

Un acercamiento arqueológico a los sistemas tradicionales de regadío de pastos en Asturias
Andrés MENÉNDEZ BLANCO
225

Post-workerism and contemporary archaeology: a case study
& Pablo ALONSO GONZÁLEZ
231

¿Hacia una arqueología ferroviaria en España? Definición, problemas y casos prácticos
Albert ESPINAL VALVERDE
239

5. Novas perspectivas nos estudos de Zooarqueología 247

Middle Palaeolithic Tortoise use at Gruta da Oliveira (Torres Novas, Portugal)
Mariana NABAIS
251

Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdígões, Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2)
Nelson CABAÇO
259

Comer em Tavira. Análise dos restos faunísticos do sítio do Parque de Festas (Tavira)
Jaquelina COVANEIRO & Sandra CAVACO
269

Estudo faunístico do Silo 8 do Castelo de Salir (Loulé). Contribuição para o conhecimento da dieta alimentar islâmica
Soraia MARTINS
277

Alteraciones postdeposicionales en el registro óseo animal del yacimiento de la primera edad del hierro (ss. VII-VI a.n.e) de Sant Jaume – Mas d'en Serrà (Alcanar, Cataluña)
Laia FONT VALENTÍN
283

O Estudo de uma colecção malacológica - contributos e limitações na abordagem arqueológica e tafonómica
Manuela Dias COELHO
293

¿El zooarqueólogo, una especie en vías de extinción? Los estudios de fauna en la universidad y en las empresas de Arqueología
Idoia GRAU SOLOGESTOA
299

Arqueozoología en el Emirato. Una aproximación desde la capital política y los territorios rebeldes (756- 929 d C)
Rafael María MARTÍNEZ SÁNCHEZ
305

6. A arqueología e “a política das coisas” 313

Arqueología en su contexto: Formación y profesionalización tras Bolonia
Carlos TEJERIZO GARCÍA & Clara HERNANDO ÁLVAREZ
317

La Arqueología comercial como escenario de conflictos sociolaborales: El caso madrileño
David GONZÁLEZ ÁLVAREZ
325

O lugar da arqueologia portuguesa no limiar do séc. XXI – enquadramento legal, institucional e condicionantes político-ideológicos
Luís MORAIS
333

A construção teórica em torno do Reino Visigótico de Toledo
Andreia AREZES
339

A Ciência Viva: A Arqueologia e as Missões Antropológicas do Oficial à Prática
Rita Juliana POLONI
347

¿Patrimonio universal? El neocolonialismo en las políticas y prácticas culturales
Beatriz MARÍN AGUILERA
353

Arqueología del conflicto contemporáneo: de la teoría a la práctica política
Carlos MARÍN SUÁREZ, Gonzalo COMPAÑY & Alicia QUINTERO MAQUA
361

Las cosas antes de la arqueología: apuntes para una agenciamiento de lo político
Luis Gerardo FRANCO ARCE & Johana Caterina MANTILLA OLIVEROS
369

En un abrir y cerrar... Sobre "recuperaciones" de lugares de memoria en Rosario, Argentina
Soledad BIASATTI & Gonzalo COMPAÑY
375

7. Do tecnológico ao simbólico: estudos recentes na análise de projécteis e adornos
381

Métodos de debitage e esquemas de transformação na manufactura de pontas de zagaia
Marina Almeida ÉVORA
385

Análise tecno-tipológica das utensilagens geométricas do Concheiro das Amoreiras (S. Romão do Sado, Portugal) – escavações de Manuel Heleno (1955-66)
Diana NUKUSHINA
391

Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto
Miguel ROCHA, Paulo REBELO, Raquel SANTOS & Nuno NETO
399

8. Archaeoacoustics, experimental archaeology and music: theoretical and methodological challenges in music archaeological research
407

Methodology for the reconstruction of prehistoric aerophones made of hard animal material
Carlos GARCÍA BENITO
411

Some Methodological Problems in Music Archaeology: Cymbals in the Greek World
Sylvain PERROT
417

Methodological challenge in ancient Greek music: the recovered fragments and their modern performance
Marica GAGLIARDI
425

⌘

Methodological challenges in the research on musical instruments from al-Andalus
Alexandra BILL
433

Sound and Music in Prehistoric Context
Elizabeth C. BLAKE & Guy HAYWARD
437

A "phenomenology of soundscape": archaeoacoustics, landscapes and environment in Music Archaeology
Raquel JIMÉNEZ PASALODOS
443

A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro

Dário Neves¹
Rodrigo Dias¹
Sílvia Coelho¹
Pedro Xavier^{1,2}
Renata Morais¹
Luís Carvalho¹
Sofia S. Figueiredo^{1,2}

¹ACE, Bento Pedroso Construções e Lena Engenharia – Estaleiro do Baixo Sabor
Lugar da Póvoa – 5160 – 021 Póvoa, Adeganha, Portugal.
darioneves1@gmail.com

²CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar e UAUM, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
Av. Central 39, 4710-228 Braga, Portugal

RESUMO

A arte da Idade do Ferro caracteriza-se por uma grande heterogeneidade onde se integram rochas gravadas com covinhas, podomorfos, fusiformes, gravuras onde entre outras se incluem cenas de luta e caça, gravadas com traços finos, como as documentadas no vale do Côa. No trabalho que aqui apresentamos, pretendemos abordar a iconografia que a Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro apresenta, bem como a sua importância para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro no Nordeste Transmontano. Localizado numa lapa em xisto, o painel apresenta diversos motivos gravados através de incisões filiformes, dos quais destacamos os antropomorfos, cervídeos, equídeo, geométricos e algumas armas. A sua situação topográfica é bastante importante para a contextualização da iconografia visto que permite um amplo domínio visual sobre todo o Vale da Vilarça conhecido como o vale mais fértil de Trás-os-Montes. Sendo que ainda pouco se conhece sobre a arte da Idade do Ferro em Portugal, procura-se aqui dar um contributo para o estudo da arte sidéica de Trás-os-Montes.

PALABRAS-CHAVE

Arte rupestre; Idade do Ferro; Trás-os-Montes Oriental

ABSTRACT

The Iron Age rock-art of Trás os Montes is characterized by its great heterogeneity as it integrates cup marks, engraved footprints, linear engravings and other motifs, carved with fine lines, where among others we observe fighting and hunting scenes like the ones reported in the Côa Valley. The aim of this article is to address the iconography of 'Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro', as well as its importance for the study of warrior and hunting imaginary through the Iron Age in the Northeast Portugal. Located in a schist formation, the panel presents several motifs, engraved through thin incisions, from which we will emphasize human figures, deer, horses, geometric figures and some weapons. The topographical situation of the engraved rock assumes a big importance for the contextualization of the iconography. It allows a widespread visibility over the Vilarça valley, known as the most fertile valley of Trás-os-Montes. Since our knowledge of Iron Age rock-art in Portugal is still undersized, we intend to give a contribution to this kind of human manifestations in Trás-os-Montes, Portugal.

KEYWORDS

Rock Art; Iron Age; Trás-os-Montes Oriental

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é o resultado preliminar do estudo da iconografia patente na Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo). Trata-se de um afloramento de xisto em forma de lapa que apresenta variados motivos de arte rupestre na face interior,

executados através de pequenas incisões filiformes e com patina bastante acentuada.

Detectada durante trabalhos de prospecção na área da Quinta do Feiticeiro e Quinta da Portela, pelos arqueólogos Rodrigo Dias e Sílvia Coelho, esta rocha foi alvo de trabalhos de levantamento gráfico através da técnica de levantamento por decalque directo e

levantamento fotográfico com o recurso à iluminação por vários conjuntos de *flash-lights* externos à máquina fotográfica de forma a concretizar esquemas de luz rasante (Figueiredo e Figueiredo 2006: 153). Numa primeira análise, a iconografia existente parecia apontar para uma cronologia sidérica, sendo posteriormente confirmada através da análise dos levantamentos efectuados, remetendo para o imaginário guerreiro e cinético da Idade do Ferro.

Representações de cronologia proto-histórica estão presentes na zona do Vale do Côa e Douro, não muito longe da área de implantação da rocha aqui tratada, sendo o Vale da Casa um dos sítios mais importantes desta região (Baptista 1983). Ainda pouco se conhece sobre a arte da Idade do Ferro em Portugal, pretendendo ser esta breve análise mais um contributo para o seu estudo e conhecimento.

A iconografia presente nesta rocha poderá constituir um dos mais interessantes exemplos de arte rupestre da Idade do Ferro do nordeste transmontano, de onde se destacam as gravuras de antropomorfos e zoomorfos que no decurso desta breve exposição tentaremos caracterizar.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E GEOMORFOLÓGICO

Esta rocha localiza-se no Nordeste Transmontano, na freguesia da Cardanha, concelho de Torre de Moncorvo e Distrito de Bragança, numa zona denominada de Quinta do Feiticeiro, incluída na vasta Quinta da Portela que ocupa grande área do final do vale do Sabor (FIGURA 1). Correndo para Sul, do seu lado Oeste corre o Rio Sabor e, a Este, encontra-se a ribeira da Vilarça, estando a sua foz muito próxima da rocha. Implantada a meia encosta com pendente para norte, a sua localização permite um amplo domínio visual sobre todo o Vale da Vilarça conhecido como o vale mais fértil de Trás-os-Montes. Este afloramento não é fácil de distinguir na paisagem pois nesta encosta existe um imensurável número de rochas com características similares e a vegetação que cobre a vertente também dificulta a sua distinção (FIGURA 2).

Do ponto de vista geológico, este afloramento está inserido no período Câmbrico, integrando o Supergrupo Dúrico-Beirão (complexo Xisto-Grauváquico), Grupo do Douro com formação do Rio Pinhão (metagrauvaques com intercalações de filitos listrados e microconglomerados), como consta da folha 11-C da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000 (Silva *et al.* 1988), o que permite a existência de vários afloramentos similares à Rocha 1 em toda a encosta.

3. SUPORTE E ICONOGRAFIA

3.1. Rocha e painel

A Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro é um afloramento em xisto de cor cinza em forma de lapa sub-vertical, formando um pequeno abrigo semi-protegido com uma

abertura máxima de 1,5m com pendente para norte (FIGURA 3). Até há pouco tempo esta lapa foi utilizada como abrigo de pastor, como atestam os vestígios de fogueiras recentes e a fuligem que é notória em toda a face interior da lapa. Apesar dos vários afloramentos semelhantes nas imediações apenas neste foram detectados motivos de arte rupestre, contudo não descuramos a existência de mais rochas com arte rupestre após uma prospecção sistemática da área em questão. A escolha deste afloramento parece ter uma relação directa com a sua localização perante o rico Vale da Vilarça bem como a razoável área abrigada. Apresenta várias marcas de erosão tanto por causas naturais como antrópicas, materializadas em lascamentos, fracturas e restos de fuligem da face interna bem como através das várias marcas de arado visíveis na face exterior do afloramento, ainda assim verifica-se um grau de conservação bastante aceitável.

É na face interior da lapa que está localizado o painel, apresentado dimensões de 2,3m de comprimento, 1,7m de largura e inclinação sub-vertical a 45 graus. Toda a área do painel apresenta lascamentos, fracturas e resíduos de fuligem afectando alguns dos motivos (FIGURA 4). A área gravada está localizada numa faixa central do painel, onde existem várias irregularidades e fracturas, no entanto há pequenas áreas onde o suporte é plano e liso, possibilitando a gravação através da incisão filiforme. De salientar que o espaço entre o solo e o painel é bastante reduzido, tendo sido bastante difícil proceder à gravação da rocha bem como do seu levantamento gráfico e fotográfico.

3.2. Iconografia

Como já foi mencionado, é na zona central do painel que estão localizados os motivos, parecendo estar organizados de acordo com as áreas mais planas e menos acidentadas do painel. Há de facto um aproveitamento da zona menos irregular do painel, não permitindo grandes "narrativas" contínuas, sendo possível verificar que as gravuras se encontram agrupadas em pequenas composições consoante a área exequível de gravação (FIGURA 5).

Todos os motivos detectados foram executados através da técnica de incisão filiforme e têm uma dimensão bastante reduzida, no entanto é notória uma extrema precisão e qualidade de gravação.

De entre a iconografia patente, destacamos as figuras antropomórficas e zoomórficas, embora existam também alguns traços e figuras geométricas possivelmente contemporâneas dos motivos figurativos. Para uma melhor sistematização deste breve estudo optamos por individualizar cinco zonas de gravação, de forma a melhor compreender as composições figurativas (FIGURA 6).

Na zona 1, na parte central esquerda do painel, com as dimensões de 29cm de comprimento e 28cm de largura, é possível visualizar seis antropomorfos e dois zoomorfos, todos executados por incisão filiforme e de dimensão reduzida. Os antropomorfos apresentam-se estilizados, com corpo rectangular, membros inferiores e superiores representados por traços e cabeças de secção triangular em três dos casos. Destacamos a presença de

um antropomorfo armado, com arco e flecha que serve de extensão ao braço direito e, no braço esquerdo, ostenta um escudo. Não é comum este tipo de armas na arte sidérica e mais curioso ainda, é o facto de a cabeça ser de secção triangular. Para além deste antropomorfo existem mais cinco, embora três estejam incompletos. Os outros dois estão lado a lado ostentando lanças no braço direito. Um deles ostenta ainda um escudo semi-circular no braço esquerdo. Também aparentam ter espada ou punhal à cintura. Mais uma vez aparecem com a cabeça de secção triangular mas, num deles, existem três pequenos traços ou penachos na lateral da cabeça. Na base de um deles está representada uma espécie de linha de solo, não muito comum nestes motivos mas bem patente neste painel. Os zoomorfos existentes são dois: representam um pequeno cervídeo, associado à personagem com o arco e a flecha e, um possível canídeo.

Na zona 2, na área central do painel, com as dimensões de 30cm de comprimento e 29cm de largura, encontramos a composição mais complexa. Para além de motivos figurativos existem alguns motivos geométricos que não permitem uma perfeita visualização dos antropomorfos e zoomorfos existentes. Esta zona é marcada pela representação de vários cervídeos, iconografia típica da Idade do Ferro. Os dois antropomorfos estão relacionados com os zoomorfos visto que ostentam lanças no braço direito que atingem os cervídeos. O que desperta alguma curiosidade é, mais uma vez, a representação da cabeça em secção triangular. Um deles aparenta ainda ter uma espada ou punhal na zona do tronco. Mais uma vez existe uma linha de solo na extremidade dos membros inferiores. De entre os oito zoomorfos detectados, apenas um não aparenta ser cervídeo, podendo ser um canídeo. Representados com corpo longo e rectangular, cabeça ostentando armação e em alguns casos com cauda ou couro, dois cervídeos são atingidos por lanças de dois antropomorfos, podendo tratar-se de uma cena cinegética. As figuras geométricas que cobrem esta composição parece complementar ou enquadrar estes motivos figurativos.

A zona 3, localizada na parte central direita do painel, apresenta como dimensões 20cm de comprimento e 19cm de largura, onde figuram quatro antropomorfos e três zoomorfos, também executados por incisão filiforme e de pequenas dimensões. Esta zona é bastante rica em iconografia de onde destacamos a existência de um cavalo com crina bem definida e dois cavaleiros, também de cabeça triangular. Esta figura, apesar das reduzidas dimensões, apresenta uma definição impressionante. Ao contrário das anteriormente descritas, não ostentam nenhuma arma. As cabeças são triângulos bem definidos, um pouco diferente dos até aqui tratados. Outro antropomorfo, na parte superior, encontra-se incompleto. Por fim, um outro apresenta a cabeça triangular embora mais tosca e, contrariamente ao que é reportado noutros antropomorfos, apresenta os pés virados para o lado esquerdo.

Na zona 4, situada na parte central direita do painel, foram gravados menos motivos, contudo a figura antropomórfica existente é das mais interessantes de toda

a iconografia detectada. Apresenta como dimensões 18cm de comprimento e 17,5cm de largura tratando-se da mais pequena área gravada do painel. Aparece um antropomorfo incompleto e um outro intrinsecamente ligado ao zoomorfo. Ostenta no braço direito uma lança que atinge um cervídeo bem definido, com corpo esguio e armação em forma de "U" bem aberto, localizado na parte superior. A cabeça do antropomorfo é de secção triangular, contudo é diferente das outras porque tem dos dois lados fileiras de pequenos traços ou "penachos", um pouco à semelhança de um dos antropomorfos da zona 1.

No que concerne à zona 5, podemos referir que se tratam apenas de motivos geométricos sem composição aparente que ocupam uma área com 60cm de comprimento e 33cm de largura.

Nas cinco zonas que mencionamos, estão representados motivos bastante peculiares, contabilizando catorze antropomorfos, catorze zoomorfos, algumas armas e vários geométricos. De entre toda a iconografia presente destacamos que os antropomorfos estão representados de frente (não em perspectiva como no caso do Vale do Côa), de forma simples e estilizada, sem ornamentos e em certos casos empunhando armas (lanças, escudos, arco e flecha, espada ou punhal). De facto não se assemelham às típicas representações cinegéticas ou guerreiras da Idade do Ferro. Os zoomorfos referem-se, maioritariamente, a cervídeos com características típicas de cronologia sidérica, que estão incluídas em algumas cenas de caça. De referir que todos os zoomorfos estão virados a nascente. As figuras geométricas são bastante comuns nesta época, como atestam as várias rochas no Vale do Côa.

3.3. Considerações finais

Através desta breve descrição da iconografia patente nesta lapa, localizada em Trás-os-Montes (Cardanha, Torre de Moncorvo) junto ao Vale da Vilarça, poderemos aferir que se trata de uma das mais interessantes rochas de Arte Rupestre da Idade do Ferro desta região. Apesar de não ser um painel muito grande, consta nele uma grande panóplia de gravuras, onde encontramos motivos representando antropomorfos, zoomorfos, geométricos e várias armas, o que concentra grande parte da típica iconografia sidérica.

Os motivos zoomórficos não deixam muitas dúvidas quanto à sua cronologia Proto-Histórica, enquadráveis perfeitamente nas representações de cervídeos detectadas no Vale do Côa e do Douro. Os cervídeos estão representados com corpo longo, estreito e rectangular, pequena cauda ou coto e armação visível (Baptista e Reis 2008: 80) e, em alguns casos poderão estar inseridos em composições cinegéticas, atestadas pelos motivos antropomórficos que atingem com lanças estes animais, como é bem visível na zona 2 e 4 acima descritas. Cenas de caça a cervídeos estão bem documentadas na rocha 23 do Vale da Casa (Baptista 1983; Luís 2010: 58).

No Vale do Sabor foram detectados alguns exemplares de cervídeos Proto-Históricos em várias rochas, não se encontrando muito longe desta. Em sintonia com o que se passa no Vale do Côa e Douro

também aqui estão representados alguns canídeos, com especial destaque ao que existe na zona 1. A questão do equídeo, que referimos aquando da descrição da zona 3, é mais complexa, estando montado por dois antropomorfos, os quais abordaremos mais à frente.

A questão dos antropomorfos é mais complexa, a sua morfologia não permite obter paralelos, contudo existem alguns traços que nos poderão indicar a sua cronologia. O seu corpo rectangular representado de frente, cabeça triangular e, em alguns casos com linha de solo, são as características que mais marcam a diferença em relação a outros exemplares. De facto não se assemelham às típicas representações cinegéticas ou guerreiras da segunda Idade do Ferro, tal como é visível na rocha 3 da Vermelhosa, rocha 10 e 23 do Vale da Casa. A linha de solo representada no limite dos membros inferiores não tem muitos paralelos neste período, contudo poderá indicar o final da gravura, optando por não apresentar os pés.

As cabeças de secção triangular constituem a maior curiosidade destas figuras, não se conhecendo paralelos para este tipo de representações. Existe a possibilidade de ser a representação de capacetes, contudo é de estranhar a utilização deste adereço tipicamente guerreiro em situações de caça, como é visível na zona 1, 2 e 3 desta rocha. Para uma contextualização cronológica poderemos ir à estatuária guerreira Lusitano-Galaica onde encontramos representações de cabeças com capacetes com várias parecenças com as cabeças aqui representadas, como é o caso da Cabeça dos Capeludos (Vila Pouca de Aguiar) e Cabeça de Calendário (Vila Nova de Famalicão), (Schattner 2004: 43). Na estatuária celta da Europa Central existe uma representação de um guerreiro com uma cabeça com capacete triangular bastante semelhante aos aqui gravados, falamos do *Homem de Hirschlanden* (Alemanha), datado da dos inícios da Idade do Ferro (Schattner 2004). Poderá ainda ser uma forma regional de representar as cabeças, no entanto é uma proposta sem qualquer tipo de paralelos detectados até ao momento. Em nada se assemelham aos cavaleiros com cabeça de pássaro que foram detectadas no Vale do Côa e onde é bem notório o bico, podendo tratar-se de capacetes ou máscaras, bem como de representações híbridas de cariz mitológico (Luís 2008: 420).

Para além desta estranha forma de representação das cabeças dos antropomorfos existe ainda a questão dos penachos que ladeiam o capacete ou cabeça de dois dos antropomorfos. Poderão ser adornos, mas o que representarão? Até ver não existem paralelos, contudo achamos que poderão conferir alguma diferença em relação a outros podendo transmitir a ideia de poder, prestígio, etc.

Na zona 3 está uma gravura composta por um equídeo montado por dois antropomorfos sem qualquer tipo de representação de arma. O equídeo de pequenas dimensões está muito bem representado através de linhas muito finas com uma precisão e harmonia muito interessantes. Apresenta crina, cauda com alguns traços e arreios. O equídeo é a figura dominante dos motivos zoomórficos da Idade do Ferro detectados na Foz do Côa

(Luís 2010: 58), apesar de estar bem presente em todo o Vale do Côa e do Douro: Ribeira das Furnas, rocha 2 da Canada da Moreira, rocha 1 do Meijapão, rocha de Vale de Moinhos, rocha 3 da Canada do Arrovão, rocha 1 da Vermelhosa, rocha 23 do Vale da Casa, etc. (Baptista 1983, 1999; Luís 2008, 2010). Os antropomorfos estão representados com a mesma morfologia de todos os detectados neste painel, ou seja, corpo rectangular e cabeça de secção triangular. Poderá ser a representação de dois cavaleiros, embora neste caso não existam armas associadas, tal como acontece numa das rochas recentemente detectadas no Vale do Sabor (Figueiredo 2010). Não é de estranhar o grande número de rochas com esta temática visto que as representações datáveis da Idade do Ferro são já o 2º momento artístico mais importante do Vale do Côa (Luís 2010: 54). O facto de os antropomorfos estarem intrinsecamente relacionados com o equídeo, montando-o, constitui uma composição de cavaleiro permitindo aferir que se trata de um símbolo de poder ou prestígio (Baptista e Reis 2008: 82).

Empunhadas pelos antropomorfos, existem algumas armas, como é o caso das lanças, escudos, do arco e da flecha. Este tipo de armas poderá remeter para o imaginário cinegético e guerreiro do mundo Proto-Histórico, contudo neste painel estão apenas representadas cenas de caça, não existindo qualquer tipo de cena de combate ou guerreira. Facto interessante é o arco e flecha bem como o escudo, que o antropomorfo existente na parte inferior da zona 1 empunha, não sendo possível aferir mais casos em que isto aconteça na arte sidérica. Não é bem perceptível, mas poderão existir dois casos em que os antropomorfos apresentem espada ou punhal junto ao tronco, mas não é possível dar certezas neste aspecto.

Os geométricos detectados são típicos da Idade do Ferro encontrando-se vários paralelos para este tipo de figuras no Vale do Côa, e que rodeiam outros motivos figurativos, podendo enquadrar ou conferir significados às composições principais ou, apenas serem adições mais tardias (Baptista e Reis 2008: 77).

De um modo geral, poderemos aferir que se trata de uma rocha com motivos de Arte Rupestre datável da Idade do Ferro, talvez enquadrável na primeira fase deste período.

4. NOTA FINAL

A iconografia patente nesta Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro é das mais interessantes até agora detectadas nesta zona de Trás-os-Montes. A sua implantação geográfica nas proximidades de uma paisagem bastante dinâmica ao longo dos tempos, confere ainda mais importância às gravuras, como representações de comunidade de habitaram estas regiões.

Pela morfologia dos motivos gravados poderemos aferir que se trata de iconografia datável da Idade do Ferro e, se compararmos a morfologia dos antropomorfos com a estatuária guerreira Lusitano-Galaica, poderemos estar perante representações da 1ª Idade do Ferro.

AGRADECIMENTOS

Os autores desejam agradecer à Ana Rita Ferreira pelo apoio na elaboração da cartografia e ao fotógrafo Adriano Borges pelo levantamento fotográfico da rocha.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, A.M.

1999. *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Ed. PAVC.

1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa - (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia* 8: 57-69.

BAPTISTA, A. e M. REIS

2008. Prospecção da Arte Rupestre da Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro, in *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Actas das Sessões. Vol. 1 – Pré-História: Gestos intemporais*: 62-95. Porto: ACDR de Freixo de Numão.

FIGUEIREDO, S.S.

2010. Relatório Final (Levantamento de Arte Rupestre): EP 504 – Vale de Figueira – Rocha 12. Empreitada Geral de Construção

do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, Plano de Salvaguarda do Património. Relatório Final.

FIGUEIREDO, S. e M.V.S. FIGUEIREDO

2006. Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva, in *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Actas das Sessões. Vol. 1 – Pré-História: Gestos intemporais*: 151-167. Porto: ACDR de Freixo de Numão.

LUÍS, L.

2010. A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do Vale do Côa, in *Espaços e Paisagens Antiquidade Clássica e Heranças Contemporâneas, vol. 3. História Arqueologia e Arte*: 53-67. Coimbra.

2008. Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da proto-história no Vale do Côa, in R. Balbín Behrmann (ed.) *Arte Prehistórica al aire libre en el Sur de Europa*: 415-438. Junta de Castilla y León.

SCHATTNER, T.G.

2004. Novas aproximações às estátuas de guerreiros lusitanos-galaicos. *O Arqueólogo Português, Série IV*, 22: 9-66.

SILVA, A., J. REBELO e M. RIBEIRO

1988. *Carta geológica de Portugal à escala 1:50000 – folha 11-C (Torre de Moncorvo)*.

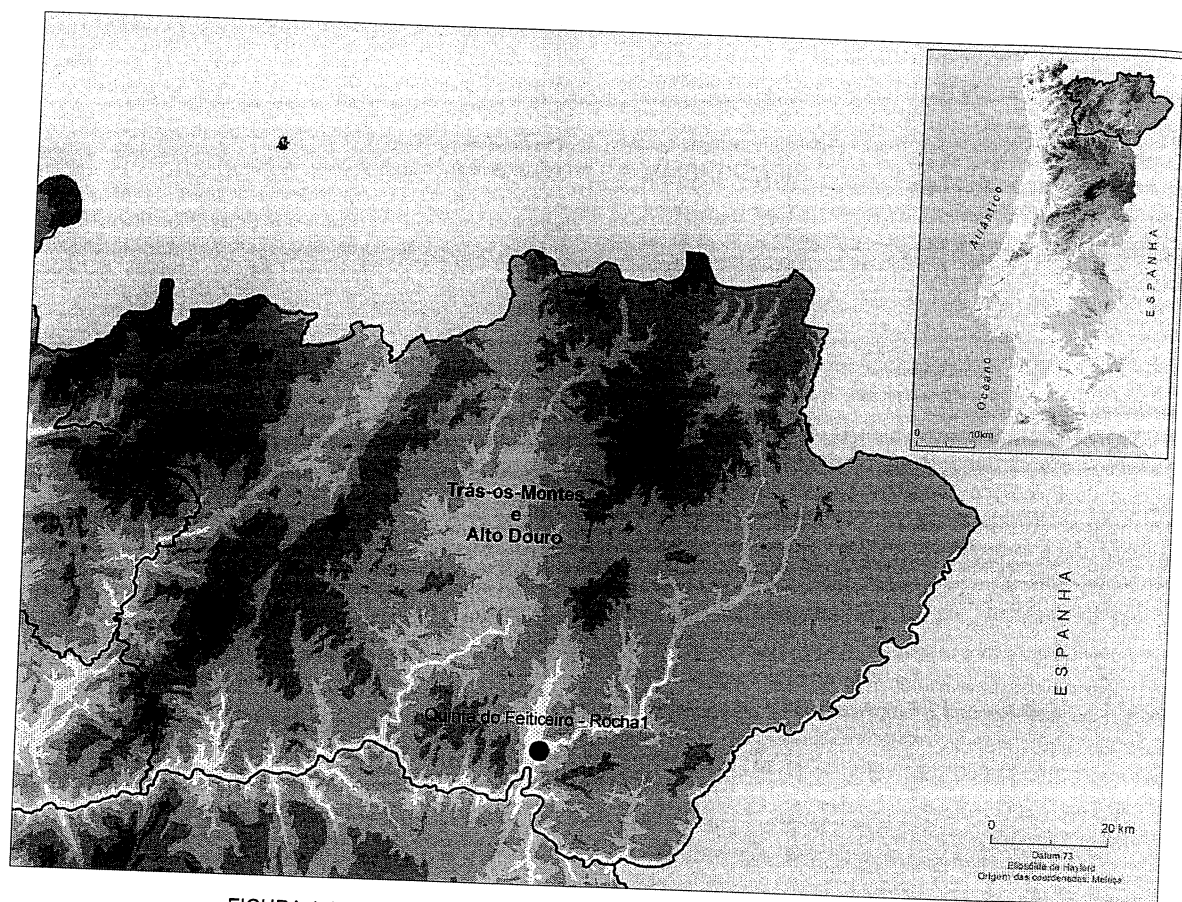


FIGURA 1. Localização da Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro em Trás-os-Montes.

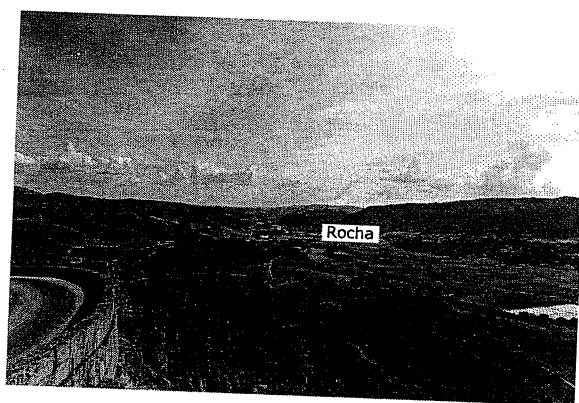


FIGURA 2. Implantação da Rocha no Vale da Vilarça.

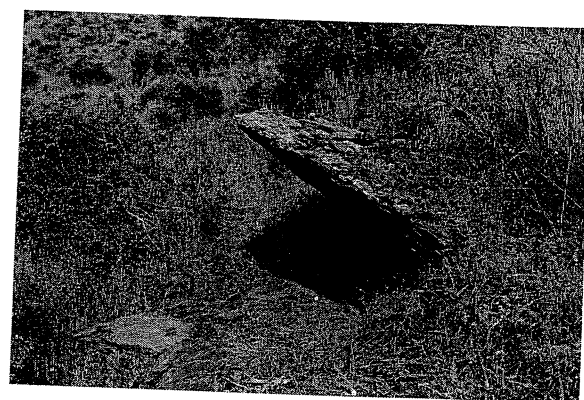


FIGURA 3. Perspectiva lateral da lapa.

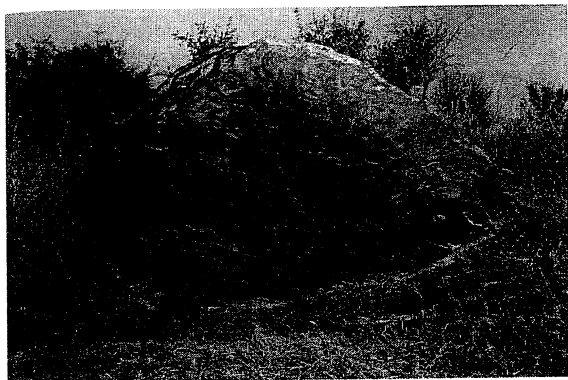


FIGURA 4. Perspectiva frontal do painel.



FIGURA 5. Levantamento gráfico dos motivos.

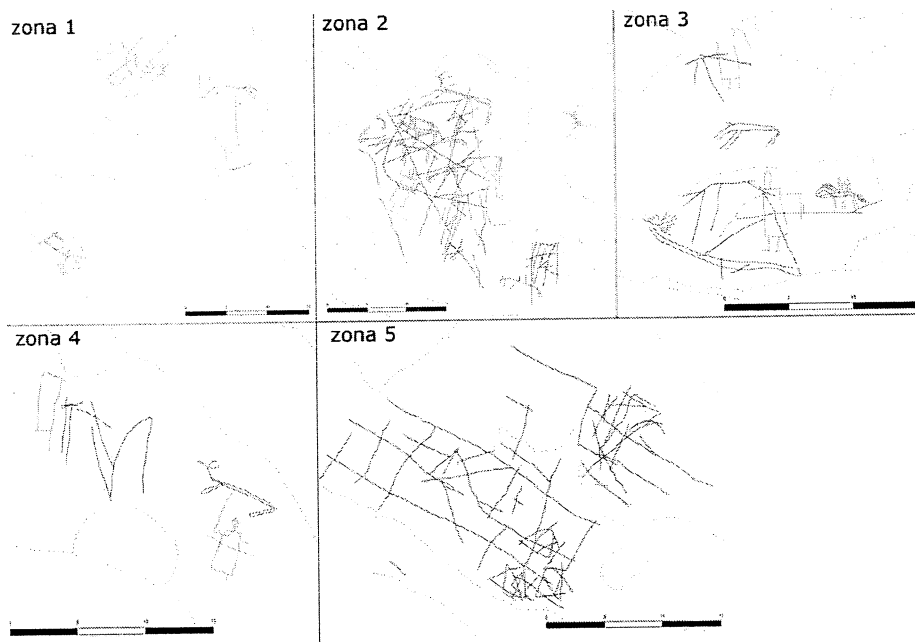


FIGURA 6. Zonas com motivos detectados no painel.